

ANÁLISE SOBRE A GUARDA E O DESCARTE DE MEDICAMENTOS EM DOMICÍLIO DE CLIENTES DE UMA FARMÁCIA COMERCIAL

ANALYSIS ON THE STORAGE AND THE DISPOSAL OF MEDICINES IN THE HOME OF CUSTOMERS OF A COMMERCIAL PHARMACY

João Fernando Sampaio Novaes Júnior¹, Juliano Jeffer de Lima Oliveira ¹

¹Faculdade de Integração do Sertão – FIS, Serra Talhada-PE, Brasil.

Resumo

Simultaneamente ao surgimento da sociedade “medicalizada”, em razão da maior produção e distribuição de medicamentos promovida pelo capitalismo, manifestou-se a preocupação com as formas de armazenamento e descartes desses produtos, assim como o papel do farmacêutico inserido neste quadro. Analisar como se realiza a guarda e o descarte de medicamentos em domicílio de clientes de uma farmácia comercial. Estudo descritivo, transversal, prospectivo com abordagem quantitativa. O estudo foi desenvolvido com usuários que frequentam a drogaria Farmácia União, localizada na cidade de Floresta/PE a partir de um questionário presencial. A pesquisa registrou que 46% dos entrevistados armazenavam os medicamentos na cozinha e 29% realizavam a guarda no quarto, mostrando que a maioria os estoca em locais inadequados. Foi evidenciado também que os participantes não tinham conhecimento sobre como deve ser feito o correto descarte de medicamentos, já que 64% dos entrevistados utilizavam a lixeira comum e 14% queimavam esses produtos. Outro dado relevante foi que apenas 8% dos participantes consultaram um farmacêutico para se informar sobre o descarte e armazenamento dos medicamentos. Com relação aos dados obtidos foi visto que a maioria das pessoas não possui pleno conhecimento sobre as formas apropriadas de armazenamento e descarte dos medicamentos. Isso se deve ao fato de não procurarem o farmacêutico para obter informações necessárias sobre o manejo desses insumos.

Palavras-chave: Armazenamento de Medicamentos. Assistência Farmacêutica. Eliminação de Resíduos de Serviços de Saúde.

Abstract

Simultaneously with the emergence of the “medicalized” society, due to the greater production and distribution of medicines promoted by capitalism, there was a concern with the forms of storage and disposal of these products, as well as the role of the pharmacist inserted in this framework. To analyze how the storage and disposal of medications is carried out in the homes of customers of a commercial pharmacy. Descriptive, cross-sectional, prospective study with a quantitative approach. The study was developed with users who attend the drugstore Farmácia União, located in the city of Floresta / PE, using a face-to-face questionnaire. A survey recorded that 46% of respondents stored their medicines in the kitchen and 29% carried out storage in the bedroom, showing that most of them are stocked in inappropriate places. It was also evidenced that the participants were not aware of how the correct disposal of medications should be done, as 64% of respondents used the common trash and 14% burned these products. Another relevant fact was that only 8% of the participants consulted a pharmacist to find out about the disposal and storage of medicines. With regard to the data obtained, it was seen that most people do not have full knowledge about the proper ways to store and dispose of medicines. This is due to the fact that they do not look for the pharmacist to obtain necessary information about the handling of their inputs.

Key words: Drug Storage. Pharmaceutical Services. Medical Waste Disposal.

Introdução

O conceito de medicamentos, segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), é: todo produto utilizado para modificar ou investigar sistemas fisiológicos ou estados patológicos, em benefício da pessoa que o utiliza, ou seja, usado com o intuito de prevenir e curar enfermidades. Há milhares de classes diferentes de fármacos, cada um possui uma função específica e modo de atuação, grande parte das vezes, em uma única região do corpo, como o estômago, por exemplo. Os medicamentos têm várias origens, podem ser naturais ou sintéticos (CABRAL; PITA, 2015).

Pode-se dizer que, o fim da segunda guerra mundial foi um marco para o desenvolvimento tecnológico, pois possibilitou diversos avanços no campo da ciência, especialmente, na área da saúde, com surgimentos de indústrias farmacológicas, químicas e farmacêuticas. Nesse sentido, com os avanços das ciências farmacêuticas, abriu-se um leque gigantesco de opções de fármacos no mercado, ampliando, assim, a comercialização e o consumo dos mesmos, estimulando o aparecimento das primeiras grandes corporações (FAIOLLA et al., 2019).

Dessa forma, com o capitalismo em alta e o aumento facilitado da distribuição dos medicamentos na população, surgiu a denominada “sociedade medicalizada”, contexto caracterizado pela busca e consumo exacerbado e, muitas vezes, irracional dos fármacos (FAIOLLA et al., 2019).

Tal conjuntura de aquisição acentuada de medicamentos provocou o armazenamento inadequado desses produtos pela população, trazendo danos para os indivíduos que os utilizam. O armazenamento adequado é de suma importância para eficácia do fármaco. A vasta oferta de medicamentos no mercado permite que a população compre mais do que realmente necessita e, por falta de conhecimento, muitas vezes, faz um armazenamento inadequado. O acúmulo de medicamentos em domicílio pode trazer riscos à saúde e a má conservação pode afetar as suas características. (SILVA; GERON, 2018).

O farmacêutico, portanto, tem um papel essencial para que o usuário faça a correta estocagem das drogas, por meio de uma orientação descomplicada. É necessário frisar que, para a reserva adequada, é preciso levar em conta diversos fatores, como: se o local de armazenagem é acessível para as crianças, se tem exposição à luz, umidade, temperaturas elevadas, entre outros critérios a serem analisados (PINTO et al., 2014).

Outro fator de extrema importância a ser explorado é o descarte inapropriado de medicamentos. Esse despejo inadequado representa um problema muito grande para o meio ambiente e para a população em geral. A gestão de descarte de medicamentos é um desafio que deve ser tratado com extrema responsabilidade, levando em consideração que, diariamente, toneladas de resíduos são coletadas e, em sua maioria, gerenciadas inadequadamente, ocasionando efeitos indesejáveis, muitas vezes irreversíveis ao meio ambiente, à saúde humana e a toda biodiversidade do planeta (CONSTATINO et al., 2020).

Diante de uma pesquisa feita na Alemanha, foram encontrados 36 fármacos diferentes em diversos rios. A presença de fármacos nas águas e nos solos pode gerar subprodutos potencialmente tóxicos e de difícil decomposição, podendo provocar efeitos teratogênicos, mutagênicos e carcinogênicos nas populações humanas e nos animais. Nesse sentido, fica evidente a necessidade de tomar todas as providências possíveis, para que o descarte seja feito da melhor maneira possível (CONSTATINO et al., 2020).

Como forma de tentar minimizar os possíveis riscos, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), por meio da RESOLUÇÃO RDC Nº 222, DE 28 DE MARÇO DE 2018, regulamenta as Boas Práticas de Gerenciamento dos Resíduos de Serviços de Saúde e apresenta outras providências. Essa resolução determina de maneira direta como devem ser desprezados os resíduos de serviços de saúde. Outra forma de prevenir o abandono inadequado dos medicamentos é na atenção primária, na qual o farmacêutico, junto a todos os profissionais da saúde, deve ministrar indicações sobre como deve ser o desfecho das medicações. Campanhas

publicitárias também se mostram bastante eficientes, para conscientização (JOÃO, 2011; CONSTANTINO et al., 2020; BRASIL, 2018).

Os serviços de Atenção Farmacêutica, mais precisamente o acompanhamento farmacoterapêutico realizado pelo farmacêutico, são imprescindíveis para fornecer orientações sobre a maneira correta de armazenamento e descarte dos medicamentos (ARAUJO et al., 2019).

Em vista dos fatos mencionados, o presente estudo teve como objetivo principal analisar como se realizava a guarda e o descarte de medicamentos em domicílio de clientes de uma farmácia comercial.

Metodologia

O trabalho consiste em um estudo descritivo, transversal, prospectivo com abordagem quantitativa. O estudo foi desenvolvido com usuários que frequentam a drogaria Farmácia União, localizada na cidade de Floresta / PE, CEP: 56400-000, na Rua Doutor Tito Rosa, nº 37-A, bairro centro. A população correspondeu a todos os pacientes que frequentaram a drogaria, com uma amostra de 100 pessoas.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Integração do Sertão, segundo parecer 4.964.268 e CAAE: 48338421.7.0000.8267, em 10 de setembro de 2021.

A pesquisa foi realizada entre os meses de setembro e novembro de 2021, acompanhada pela farmacêutica responsável pela drogaria Farmácia União. Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, foram aplicados os questionários presenciais para os participantes que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e deu-se início a coleta de dados.

Foram incluídos, nessa pesquisa, mulheres e homens com idade igual ou superior a 18 anos, que aceitaram participar do estudo por meio de um questionário presencial, de forma espontânea, e podendo a qualquer momento recusar sua participação. Foram excluídos os participantes que não atenderam aos critérios de inclusão, que não responderam o questionário por completo e os que por alguma razão apresentaram impossibilidade de participação até a etapa final do estudo.

Resultados e Discussão

A amostra do presente estudo foi composta por 100 usuários, todos com mais de 18 anos, de ambos os sexos e que frequentaram a drogaria Farmácia União no período do estudo. Observou-se que 66 entrevistados (66%) eram do sexo feminino, enquanto 34 eram do sexo masculino (34%). Esse dado pode estar relacionado com a cultura feminina de praticar o autocuidado e as ações de prevenção e promoção de saúde, por isso elas frequentam mais o estabelecimento farmacêutico em comparação aos homens.

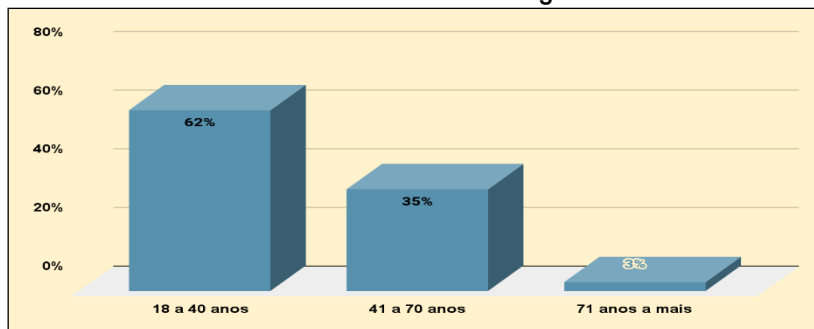
Tal evidência foi referida também por Lemos *et al.* (2017), quando ao realizarem um estudo exploratório, de abordagem qualitativa, no Hospital Geral Cemeru no Rio Janeiro, e nele observou-se que 62% dos homens só procuram o serviço de saúde em situações de emergência.

Quanto a faixa etária dos entrevistados, a pesquisa identificou que a maioria deles (62%) tinha idade entre 18 e 40 anos, enquanto 35% de 41 a 70 e apenas 3% possuíam mais de 70 anos, como pode ser visto colecionado no Gráfico 1. Dados semelhantes foram encontrados na pesquisa realizada por Levorato *et al.* (2014), os quais mostram que a faixa etária de 26 a 49 anos é a que mais procura por serviços de saúde, referindo um percentual de 55,9% no seu estudo.

Com relação aos dados obtidos sobre o estado civil dos entrevistados, a pesquisa mostrou um predomínio de solteiros (47%), seguido de casados (34%), divorciados (7%), união estável (7%) e viúvos (5%) (Gráfico 2). Esse resultado permite estabelecer uma relação com dados de 2019, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os quais demonstram que o

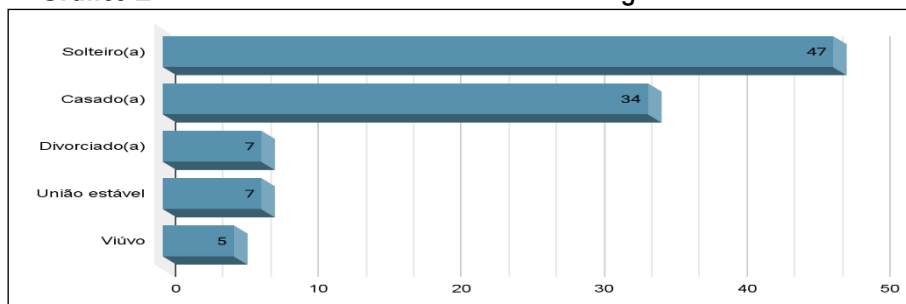
número de solteiros aumenta a cada dia, devido à uma mudança cultural (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020).

Gráfico 1 - Idade dos entrevistados na drogaria Farmácia União



Fonte: Próprio autor, 2021.

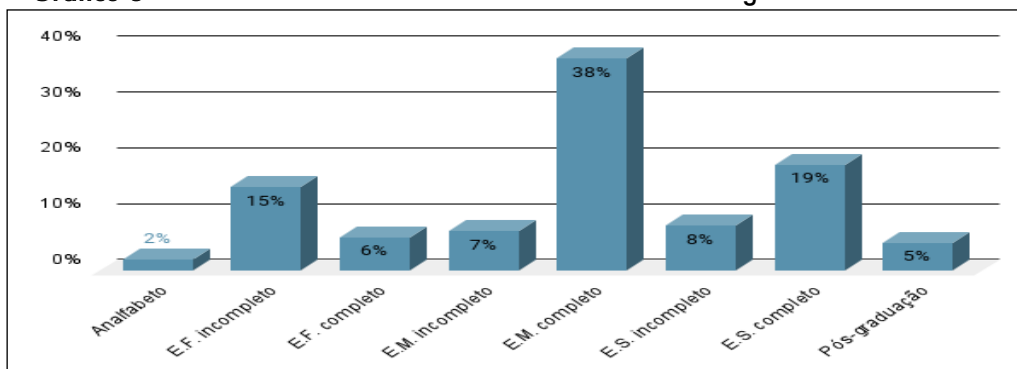
Gráfico 2 - Estado civil dos entrevistados na drogaria Farmácia União



Fonte: Próprio autor, 2021.

Acerca do grau de escolaridade dos entrevistados foi visto que 2% eram analfabetos, 15% possuíam o ensino fundamental incompleto, 6% tinham o ensino fundamental completo, 7% não concluíram o ensino médio, 38% concluíram o ensino médio, 8% possuíam o ensino superior incompleto, 19% completaram o ensino superior e 5% possuíam pós-graduação (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Grau de escolaridade dos entrevistados na drogaria Farmácia União



Fonte: Próprio autor, 2021.

Esse levantamento reflete a realidade brasileira quanto ao nível de escolaridade da população desse país, cujo predomínio é de pessoas com Ensino Médio Completo, conforme dados do IBGE. Além disso, esses dados corroboram com o estudo de Silva, Souza e Paiva (2012), o qual foi realizado por meio de visitas domiciliares no município de Cocalzinho de Goiás e mostrou que maioria dos participantes dessa pesquisa (46%) tinha o ensino médio completo. As demais porcentagens foram: Ensino superior, 18%; Ensino fundamental completo, 14%; Pós-graduação, 12%; Analfabeto, 7% e Ensino médio incompleto, 3%.

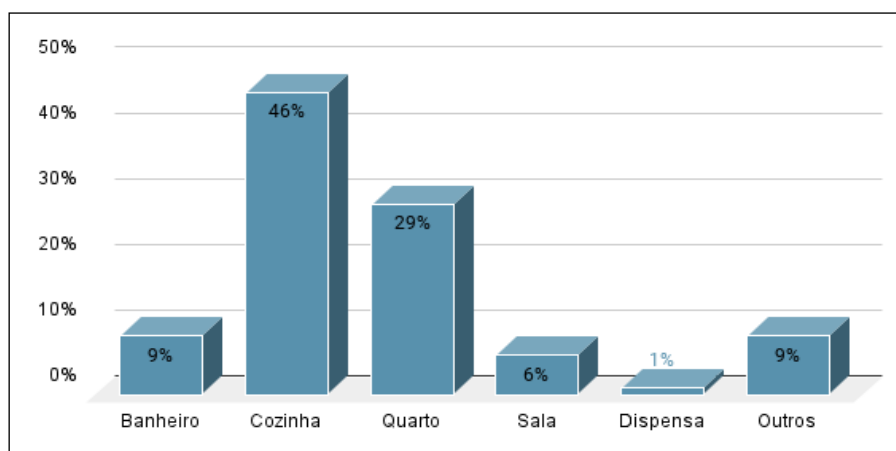
A fim de atender ao objetivo desse estudo, questionou-se aos entrevistados sobre os locais onde eles armazenam seus medicamentos e obteve-se os seguintes resultados: 46% armazenam na cozinha, 29% escolhem guardar no quarto, 9% guardam medicamentos no banheiro, 6% na

sala. 1% mantém os medicamentos na despensa, 6% na sala e 9% responderam "outros" (Gráfico 4).

Tais revelações ratificam um padrão comum nas famílias brasileiras que foi evidenciado também por Schneider e Schulte (2013) quando observou, no seu estudo, que 52,8 % dos seus entrevistados armazenavam medicamentos na cozinha. No entanto, a cozinha e o banheiro são locais que apresentam temperaturas elevadas e de muita umidade, e esses fatores, portanto, comprometem a eficiência e a segurança dos medicamentos, uma vez que são capazes de modificar as propriedades físico-químicas dos medicamentos (SCHNEIDER e SCHULTE, 2013; SOARES et al., 2020).

Neste cenário, pode-se inferir que a falta de orientação aos pacientes em relação aos riscos iminentes da guarda dos medicamentos, pode ser um dos principais fatores de contribuição para o alto percentual de erro em relação a esta prática.

Gráfico 4- Locais onde os entrevistados na drogaria Farmácia União realizam o armazenamento dos seus medicamentos

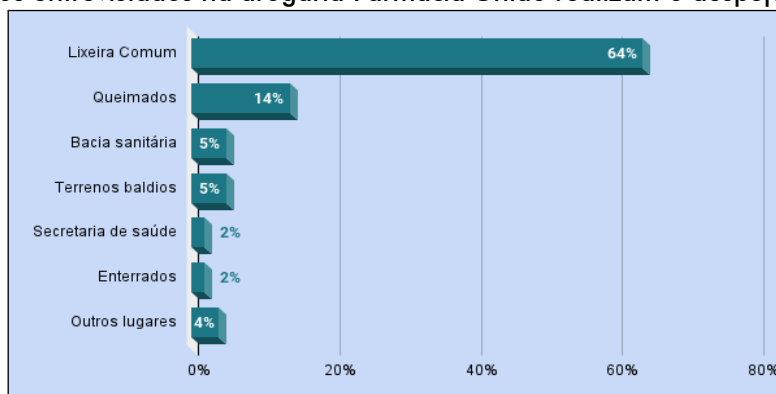


Fonte: Próprio autor, 2021

Apesar disso, foi assinalado que 91% dos participantes julgaram o local que eles escolheram para a guarda como adequado, enquanto 9% dos entrevistados consideraram como inadequado.

Quanto ao descarte de medicamentos, 64% dos participantes da pesquisa responderam que desprezam os medicamentos na Lixeira comum, 14% queimam-nos, 5% utilizam o vaso sanitário para esse fim, 5% usam Terrenos baldios para descartar seus medicamentos, 1% prefere enterrar seu lixo químico e apenas 2% levam os medicamentos que precisam ser descartados à secretaria de saúde. Vale salientar que 5% não souberam responder essa pergunta e 4% referiram desprezar medicamentos em outros lugares (Gráfico 5).

Gráfico 5- Locais onde os entrevistados na drogaria Farmácia União realizam o despejo dos seus medicamentos



Fonte: Próprio autor, 2021.

Esses achados confirmam o predomínio de descarte de medicamentos na lixeira comum, o qual foi evidenciado também por Ramos *et al.* (2017), cuja pesquisa mostrou que o despejo

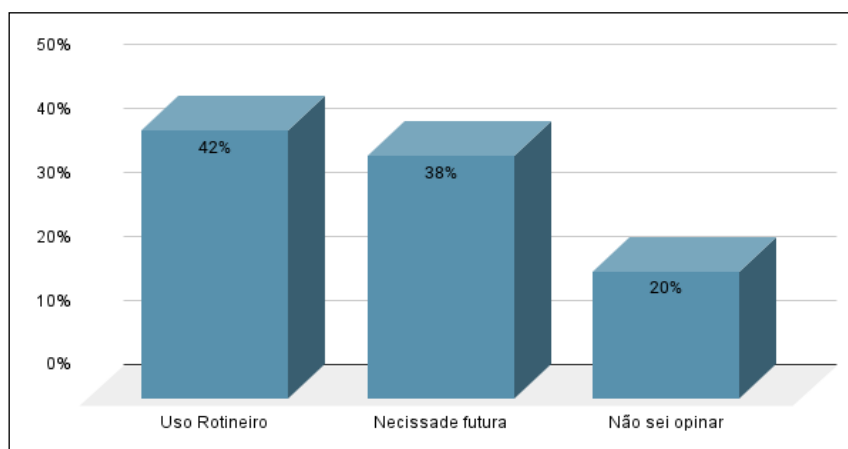
desses produtos farmacêuticos é feito, em sua maioria, em Lixeira comum (71%); seguido de Pia (12,3%); Vaso sanitário (8%); Posto de saúde (4,2%); Farmácia (2,6%); Universidade (1,3%) e Supermercado (0,3%). Lamentavelmente, essa realidade contribui para a contaminação de solos, rios, oceanos, ar e dos organismos vivos como animais e humanos que dependem desses recursos. Além disso, pode-se atribuir as escolhas inadequadas de descarte de medicamento à desinformação da população sobre a forma correta de fazê-la.

Outrossim, o presente estudo apontou que 26% dos entrevistados estocam grandes quantidades de medicamentos em casa e 74% relataram que não o fazem. Tais dados contrariam uma pesquisa realizada por Gasparini e Frigieri (2011), a qual apresentou que 92,75% dos seus entrevistados possuíam medicamentos em casa, e por Mastroianni *et al.* (2011), que mostrou que 91,1% dos participantes tinham estoques de medicamentos em domicílios.

Essa divergência percentual dos estudos, provavelmente, deu-se em razão da diferença de questionamento. Enquanto nessa pesquisa a pergunta realizada foi "Você costuma estocar grande quantidade de medicamentos em casa?", nas outras duas os autores analisaram apenas se eram encontrados estoques de medicamentos. Sendo assim, é possível que a utilização do adjetivo "grande" tenha causado espanto e receio nas pessoas, o que pode ter levado a maioria a responder "não", ainda que possuísse medicamentos, em quantidade considerável, armazenados em casa.

A partir de 26 respostas "SIM" para a pergunta "você costuma estocar grande quantidade de medicamentos em casa?", foi levantada outra questão pertinente, "quais motivos te levam a fazer estoque de medicamentos?". Como resultado, obteve-se: "uso rotineiro" (42%), "necessidade futura" (38%) e "não saber opinar" (20%), conforme demonstra o Gráfico 6.

Gráfico 6 - Motivos que levam os entrevistados na drogaria Farmácia União a realizarem estocagem de medicamentos



Fonte: Próprio autor, 2021.

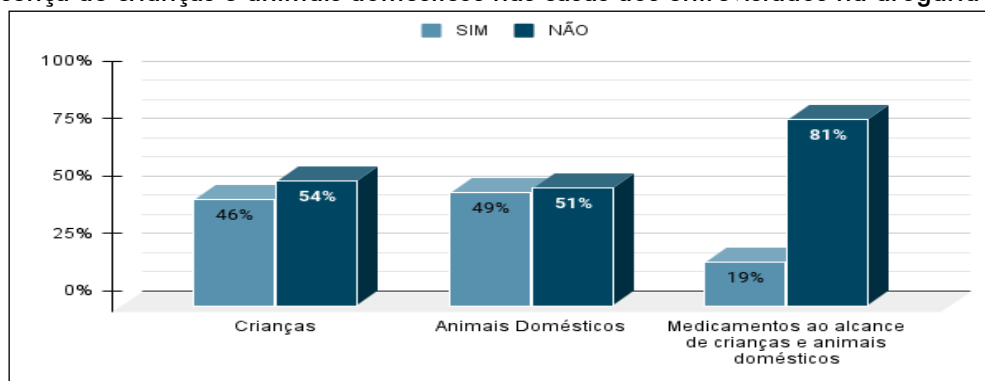
Diante disso, pode-se inferir que a estocagem de medicamentos em casa acontece porque a automedicação é um hábito comum a 77% dos brasileiros que fizeram uso de medicamentos nos últimos seis meses, conforme dados do Conselho Federal de Farmácia (CFF) de 2019, e ela acontece devido a uma grande facilidade em conseguir medicamentos, já que muitos deles são adquiridos sem a prescrição médica (CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA- SÃO PAULO, 2019).

Além disso, o uso rotineiro se dá muito por causa de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), como hipertensão, diabetes, dislipidemia, asma, entre outros que estão presentes em grande parte da população brasileira, como foi divulgado pelo evento realizado pelo Ministério da Saúde, por meio da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) em 2021, revelando que 54,7% dos óbitos registrados no Brasil foram causados por DCNT e 11,5% por agravos (SAÚDE, 2021). Porém, o que provoca mesmo o surgimento das farmácias caseiras é a compra de medicamentos baseada no pensamento de uma necessidade futura. Os 20% que demonstraram não saber

opinar remete muito à questão cultural, na qual as pessoas são ensinadas a estocar por estocar, sem necessariamente um motivo evidente.

Os entrevistados foram questionados também se possuíam animais e crianças em casa. Os resultados foram: 46% confirmaram ter crianças em casa e 54% afirmaram não ter. Quanto à presença de animais domésticos, foi constatado que 49% possuíam e 51% não tinham animais de estimação. Quando questionados se já deixaram medicamentos ao alcance de infantes e de animais, 19% responderam que sim e 81% falaram que não (Gráfico 7).

Gráfico 7- Presença de crianças e animais domésticos nas casas dos entrevistados na drogaria Farmácia União



Fonte: Próprio autor, 2021.

É fulcral observar esse quadro e compará-lo com os resultados de uma pesquisa realizada por Ramos *et al.* (2017), feita com 393 pessoas que residiam no Distrito Federal, que apresentou que 56,7% dos entrevistados possuíam crianças em casa, enquanto em 85,7% desses lares, os medicamentos estariam fora do alcance dessas crianças. Outra informação importante dessa investigação foi que 17% dos relatos de intoxicação ocorreram com crianças de até 12 anos.

Pode-se comparar que, apesar da porcentagem de crianças em casa registrada no estudo de Ramos *et al.* (2017) ser maior, em ambas, a grande parte dos medicamentos não estavam posicionados próximos às crianças. Porém, é necessário atentar para o risco de intoxicação medicamentosa que os 19% de crianças e animais domésticos, registrados nesse estudo, estão expostos, pois, como demonstrado na outra pesquisa citada, uma considerável parte das intoxicações ocorre em crianças (17%).

Além disso, segundo estatísticas do Centro de Informações Toxicológicas do Rio Grande do Sul (CIT/RS) de 2005 a 2009, foi indicado que 44% das intoxicações em pequenos animais foram causadas por medicamentos (RIBOLDE, 2010).

Vale ressaltar que 22% dos entrevistados, em meio à entrevista, relataram que alguém da família já sofreu por intoxicação medicamentosa e 88% disseram que não. Essa evidência, pode estar associada à presença de farmácias caseiras, as quais favorecem a prática da automedicação, da ocorrência de equívocos entre os medicamentos e da utilização de medicamentos fora do prazo de validade. Vale ressaltar também que a falta de cuidado com as farmácias caseiras pode comprometer a eficácia e as características físico-químicas dos medicamentos.

No presente estudo, também foi possível verificar que 92% dos participantes nunca conversaram com um farmacêutico sobre informações ou dúvidas referentes ao descarte correto e ao armazenamento de medicamentos. Apenas 8% dos entrevistados disseram que já esclareceram suas dúvidas com o farmacêutico. Dados semelhantes foram encontrados por Figueiredo *et al.* (2011), em um estudo transversal, com amostra intencional constituída pelas famílias cadastradas na Estratégia Saúde da Família (ESF) do bairro Figueirinha no município de Xangri-Lá, Rio Grande do Sul, o qual mostrou que apenas 15% das pessoas procuravam o farmacêutico para tirar suas dúvidas sobre os medicamentos.

Esses resultados, portanto, são preocupantes, tendo em vista que a atenção farmacêutica é fundamental para a promoção de saúde e a democratização do conhecimento sobre os medicamentos, seus benefícios, riscos, efeitos colaterais, possíveis interações medicamentosas,

formas de usos, armazenamento e descarte corretos, por exemplo. Dessa forma, o baixo índice de pessoas que procuram sanar as dúvidas com os farmacêuticos revela uma população desinformada e exposta aos riscos que o armazenamento e descarte inadequado de medicamentos podem promover.

Conclusão

A pesquisa, evidenciou que grande porcentagem dos medicamentos são armazenados em locais inapropriados: expostos à luz, à umidade e a altas temperaturas, como no banheiro e na cozinha; e, ao alcance de crianças e animais domésticos, podendo causar intoxicações medicamentosas. Outrossim, foi descoberto que a maior parte dos descartes de medicamentos é feita de forma inadequada em lixeira comum e bacia sanitária.

Sendo assim, pode-se dizer que os resultados obtidos nesse estudo refletem um padrão comum encontrado em outras pesquisas, no que se refere ao descarte e armazenamento de medicamentos. É imperativo, portanto, que o profissional farmacêutico esteja presente em todo o processo de orientação a respeito dos medicamentos, a fim de prevenir danos à saúde da população que, infelizmente, ainda sofre as consequências negativas da desinformação.

Referências

ALMEIDA, João Paulo Oliveira de *et al.* INTOXICAÇÃO EXÓGENA POR AUTOMEDICAÇÃO NO NORDESTE BRASILEIRO. – *Revista da Pró-Reitoria de Extensão, da Universidade Federal de Alagoas/UFAL*, Maceió – AL, v. 7, n. 6, p. 21-24, 2020.

ARAUJO, Carlos Eduardo Pulz; TESCAROLLO, Iara Lucia; ANTÔNIO, Márcia Aparecida. *Farmácia Clínica e Atenção Farmacêutica*. 1. ed. Ponta Grossa – Paraná - Brasil: Atena, 2019. 236 p. ISBN 978-85-7247-791-8.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução- RDC nº 222, de 28 de Março de 2018. Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www.cff.org.br/userfiles/file/RDC%20ANVISA%20N%C2%BA%20222%20DE%2028032018%20REQUISITOS%20DE%20BOAS%20PR%C3%81TICAS%20DE%20GERENCIAMENTO%20DOS%20RES%C3%81DUOS%20DE%20SERVI%C3%87OS%20DE%20SA%C3%91ADE.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2021.

CABRAL, Célia; PITA, João Rui. **Ciclo de Exposições: Temas de Saúde, Farmácia e Sociedade. Catálogo: Formas e formatos dos medicamentos – a evolução das formas farmacêuticas.** Coimbra: Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS 20) – Grupo de História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia, 2015. 36 p. ISBN 978-972-8627-59-1.

CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA-SÃO PAULO. Departamento de Comunicação Notícias-Pesquisa. São Paulo: Departamento de Comunicação CRF-SP, 30 abr. 2019. Disponível em: <http://www.crfsp.org.br/noticias/10535-pesquisa-aponta-que-77-dos-brasileiros-t%C3%A1m-o-h%C3%A1bito-de-se-automedicar.html>. Acesso em: 18 nov. 2021.

CONSTANTINO, Viviane Macedo *et al.* Estoque e descarte de medicamentos no domicílio: uma revisão sistemática. *Ciência & Saúde Coletiva*, [s. /], 3 fev. 2020.

FAIOLLA, Fabiana de Paula *et al.* Atividades educativas sobre armazenamento e descarte correto de medicamentos: relato de experiência com público infantil. *Saúde Debate*, [s. /], Jan./Mar. 2019.

FIGUEIREDO, Márcia Cançado *et al.* Armazenagem de medicamentos em domicílios pelos moradores do bairro Figueirinha, em Xangri-lá, RS. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, Salvador, v. 10, n. 2, p. 140-145, 1 jan. 2011.

GASPARINI, Joice do Carmo; GASPARINI, André Renah; FRIGIERI, Mariana Carina. Estudo do descarte de medicamentos e consciência ambiental no município de Catanduva-SP. **Ciência & Tecnologia: FATEC-JB**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 38-51, 30 jun. 2011. Disponível em: <https://citec.fatecjab.edu.br/index.php/citec/article/view/64>. Acesso em: 16 nov. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Agência de notícias. Estatísticas sociais [S. l.]: Estatísticas Sociais, 9 dez. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29647-casamentos-reduzem-pelo-quarto-ano-seguido-e-passam-a-durar-menos-tempo>. Acesso em: 21 nov. 2021.

JOÃO, Walter da Silva Jorge. Descarte de medicamentos. **Pharmacia Brasileira** nº 82, [s. l.], Junho/Julho/Agosto 2011.

LEMONS, Ana Paula *et al.* SAÚDE DO HOMEM: OS MOTIVOS DA PROCURA DOS HOMENS PELOS SERVIÇOS DE SAÚDE. **REVISTA DE ENFERMAGEM UFPE ON LINE**, Recife-PE, p. 4546-4553, 11 nov. 2017.

LEVORATO, Cleice Daiana *et al.* Fatores associados à procura por serviços de saúde numa perspectiva relacional de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 19, n. 4, p. 1263-1274, Abr. 2014.

MASTROIANNI, Patricia de Carvalho *et al.* Estoque doméstico e uso de medicamentos em uma população cadastrada na estratégia saúde da família no Brasil. **Rev Panam Salud Publica**, São Paulo, v. 29, n. 5, p. 358-364, 2011.

PAGURA, Diego. **EGM Multimídia: 54% dos brasileiros declaram ser solteiros**. [S. l.]: Managing Director, Ipsos Connect, Brasil, 15 ago. 2017. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/egm-multimidia-54-dos-brasileiros-declaram-ser-solteiros>. Acesso em: 17 nov. 2021.

PINTO, Gláucia Maria Ferreira *et al.* Estudo do descarte residencial de medicamentos vencidos na região de Paulínia (SP), Brasils. **Eng. Sanit. Ambient**, Paulínia (SP), jul-set. 2014.

RAMOS, Hayssa Moraes Pintel *et al.* DESCARTE DE MEDICAMENTOS: UMA REFLEXÃO SOBRE OS POSSÍVEIS RISCOS SANITÁRIOS E AMBIENTAIS. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XX, n. 4, p. 149-174, 1 dez. 2017.

RIBOLDI, Emeline de Oliveira. **INTOXICAÇÕES EM PEQUENOS ANIMAIS: UMA REVISÃO**. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em medicina veterinária) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SAÚDE apresenta atual cenário das doenças não transmissíveis no Brasil. [S. l.]: Ministério da Saúde, 15 set. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021-1/setembro/saude-apresenta-atual-cenario-das-doencas-nao-transmissiveis-no-brasil>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SCHNEIDER, Ana Paula Helfer; SCHULTE, Ivete. Estoque domiciliar de medicamentos na zona urbana do município de Venâncio Aires – RS. **Revista do Departamento de Educação Física e**

Saúde e do Mestrado em Promoção da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul / Unisc, Santa Cruz do Sul, RS, ano 14, v. 14, n. 4, p. 1-5, 1 dez. 2013.

SILVA, J. M.; GERON, V. L. M. G. AVALIAÇÃO DE ARMAZENAMENTO DE MEDICAMENTO EM DOMICÍLIO EM UM BAIRRO DE ARIQUEMES / RO: Imagem: Fama Educativa. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, [S. l.], v. 9, n. edesp, p. 491-499, 2018. DOI: 10.31072/rcf.v9iedesp.609. Disponível em: <https://revista.faema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/rcf.v9iedesp.609>.**

SILVA, Joel Rocha; SOUZA, Minéia de; PAIVA, Alessandra Santana. AVALIAÇÃO DO USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS E ESTOQUE DOMICILIAR. **Ensaio e Ciência Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde, Cocalzinho- GO, v. 16, n. 1, p. 109-124, 8 out. 2012.**

SOARES, Ana Lara Pedroso Pacheco Soares *et al.* AÇÕES DE CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE ARMAZENAMENTO E DESCARTE CORRETO DE MEDICAMENTOS EM UNIDADES DE SAÚDE DE SANTA MARIA/RS: RELATO DE EXPERIÊNCIA. **Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 10, n. 1, p. 145-156, 1 jan/jul. 2020**

Recebido: 14/02/2023

Aprovado: 17/03/2023